

# Sociologia do corpo

## Autores:

### Emanuelle Cristina da Silva Fernandes

*Especialista em Direito da Criança e Adolescente e Pedagoga Mestranda em Sociologia pelo Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO/UFCCG)*

### José Marciano Monteiro

*Doutor em Ciências Sociais, professor Adjunto da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCCG)*

DOI: 10.58203/Licuri.83094

### Como citar este capítulo:

FERNANDES, Emanuelle Cristina da Silva; MONTEIRO, José Marciano. Sociologia do corpo. In: MEDEIROS, Janiara de Lima (Org.). **Ensino e Educação: contextos e vivências**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 177-190. v. 2.

ISBN: 978-65-999183-2-2

## Resumo

O objetivo desta pesquisa é conhecer como acontecem os processos necropolíticos na educação que se volta para a colonialidade do corpo. A ideia central desta pesquisa é refletir sobre a sociologia do corpo (negro, periférico, em situação de subalternidades) e seus processos necropolíticos. Para tanto, buscamos para nosso diálogo da pesquisa bibliográfica os escritos Achille Mbembe (2018), David Le Breton (2007), entre outros. Para tanto, buscamos responder a seguinte questão: Como os corpos negros são concebidos e como a sociologia contribui com essa concepção? Desta forma, conclui-se que a escola é um espaço de interação e de configuração desses corpos, de modo que as ciências sociais se tornam uma ferramenta indispensável na construção de conceitos, categorias e outras epistemologias sobre o corpo e suas diferenças de (cor, etnia, sexualidade, classe, origem, geração e gênero), diante de quem dita o direito de viver e morrer.

**Palavras-chave:** Colonialidade. Racismo. Educação.

## INTRODUÇÃO

O corpo é uma ferramenta de projeção de sentidos, significados e valores, expressão e crenças, que integram a condição de ser humano dentro de um universosimbólico, cultural, político e social, que demarca as fronteiras de singularidades e desconstruções a partir dos coletivos.

Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade (LE BRETON, 2007, p. 7).

Os corpos dos povos originários, sobretudo o corpo negro, que tiveram suas vidas escravizadas, roubadas, raptadas, encontram-se em um estado de violação dos seus direitos fundamentais institucionalizados, desde o período colonial a contemporaneidade, de modo que se confunde a suas (re)existência.

Mas, então que significa ser “negro”? Mbembe (2020, p. 263-264), coloca esse conceito dizendo que [...] inicialmente é uma palavra, que quanto mais densidade e consistência tiver pode gerar sentimento, ressentimento, sensação a quem se destina. Supõe-se também que ‘negro’ seja um nome, que traduz sina, e relativamente foi dado por alguém, não foi escolhido é algo que fere e representa a posição que ocupo no mundo. Assim, um “negro” é aquele que não pode olhar diretamente o outro nos olhos, é aquele encurralado contra uma parede sem porta, o negro é uma forma decoisificação e degradação, é escuridão.

Portanto, a discussão aqui proposta é sobre a sociologia do corpo (negro, periférico, em situação de subalternidades) e seus processos necropolíticos, que perpassa por uma reflexão do mundo contemporâneo a partir da experiência negra, dos escritos Achille Mbembe, proposto nos livros *A Crítica da Razão Negra* que o autor apresenta um entendimento da construção de África e Negro a partir de processos históricos coproduzidos a partir da ideia de raça e raça foi constituído como uma ficçãoútil para classificar pessoas. Em *Necropolítica*, uma política centrada na produção da morte em

larga escala, característica de um mundo em crise sistêmica, vamos dialogar sobre o controle dos corpos de viver e morrer.

Nos escritos de David Le Breton, o autor proporciona a compreensão sobre a corporeidade humana como fenômeno social e cultural.

Buscar-se através desta pesquisa produzir respostas ao questionamento: Como os corpos negros são concebidos e como a sociologia contribui com essa concepção? Assim, temos como objetivo, conhecer como acontecem os processos necropolíticos na educação que se volta para a colonialidade do corpo.

As transformações e reflexões sobre a temática da sociologia do corpo e teve como viés aspectos importantes para a construção de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa que balizada sobre a perspectiva de um olhar crítico-social trazendo ao bojo das discussões, importantes posicionamentos diante da necessidade de promover diálogos e posturas de (re)existência frente aos tempos de regressão social.

A pesquisa se justifica pela necessidade de entendimento das condições de submissão histórica que se expandiu sobre o modo de vida sub-humano em que vivem milhares de corpos negros, tendo suas vidas marcadas pela predominância da dominação branca europeia sobre a educação, uma vez que a educação formal ofertada ainda atua nos moldes da domesticação sem que haja uma relação dialógica-dialética junto às comunidades, onde a escola impõem os valores das classe dominantes, os reproduz, insere conceitos de hábitos, cultura, crença, territorialidade, alimentação, entre outros, silenciando as especificidades da transmissão da nossa cultura, do fazer e ser.

A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a cidade negra, a medina, a reserva, é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Aí, se nasce não importa onde, não importa como. Morre-se não importa onde, não importa de quê. É um mundo sem intervalos, onde os homens estão uns sobre os outros, as casas umas sobre as outras. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade acorçada, uma cidade ajoelhada, uma cidade acuada. É uma cidade de negros, uma cidade de árabes. O olhar que o colonizado lança para a cidade do colono é um olhar de luxúria, um olhar de inveja. Sonhos de posse. (...) O colono sabe disto (...) “Eles querem tomar o nosso lugar” (FANON, 1989, p. 29).

Dentro desta perspectiva, faz-se necessário pensar que lugar esse corpo negro ocupa na sociedade, pois de acordo com Mbembe (2018), matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, que na prática a soberania costuma ser “a destruição material de corpos humanos e populações.

## CONCEITUANDO CORPO

Vivemos em um mundo de sociedade e indivíduos, que a todo tempo promove transformações, subjetividades, expressões e símbolos que permeia o corpo como uma habitação, com pertencimento, abrigo para as emoções que se configura em afetividade e atravessa o corpo, através dos gestos, dos movimentos, relações com os ritos, com o eu e o outro. O que nos leva a compreender esse corpo para além da objetividade, do que palpável, do que produz, como nos diz Le Breton (2007, p. 28), “o corpo não é somente uma coleção de órgãos arranjados segundo leis da anatomia e da fisiologia. É, em primeiro lugar, uma estrutura simbólica, superficial de projeção passível de unir as mais variadas formas culturais”.

Para manifestar outras concepções da corporeidade humana, na relação com a natureza e da forma como é percebida em diferentes sociedades podemos articular os elementos etnológicos que no âmbito da antropologia cultural e social estuda os fatos e aprecia os dados analíticos das civilizações e suas culturas, o que Le Breton (2007), nos fala é que “em outras sociedades o corpo não é isolado do homem [...]”.

O corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra: as imagens que o definem e dão sentido à sua extensão invisível, os sistemas de conhecimento que procuram elucidar-lhe: a natureza, os ritos e símbolos que o colocam socialmente em cena, as proezas que pode realizar, as resistências que oferece ao mundo” (LE BRETON, 2007, p. 29).

Entende-se, então, que as diferentes civilizações possuem gestos diversos com múltiplos significados, que pertence a determinados grupos e concebe uma forma de ser e estar no mundo. “O homem e o corpo são indissociáveis e, nas representações coletivas, os componentes da carne são misturados ao cosmo, a natureza, aos outros” (LE,

BRETON, 2007, p. 30) assim, a carne é o corpo do mundo e o mundo é nosso corpo.

Rompendo o pensamento ocidental, o corpo aqui é um corpo que se alimenta da matéria do imaginário social, o corpo e o homem não se separam, não é um corpo fragmentado, individual, vazio, mas um corpo coletivo.

Le Breton (2007, p. 30), por sua vez, afirma que:

Em sociedades que permanecem relativamente tradicionais e comunitárias, o "corpo" é o elemento de ligação da energia coletiva e, através dele, cada homem é incluído no seio do grupo. Ao contrário, em sociedades individualistas, o corpo é o elemento que interrompe, o elemento que marca os limites da pessoa, isto é, lá onde começa e acaba a presença do indivíduo.

O corpo como elemento de individuação, que permite a separação entre um sujeito e outro, dentro de uma estrutura societárias o "corpo é o elemento que interrompe, o elemento que marca os limites da pessoa, isto é, lá onde começa e acaba a presença do indivíduo". "O corpo funciona como se fosse uma fronteira viva para delimitar, em relação aos outros, a soberania da pessoa" (LE, BRETON, 2007, p. 30).

É a partir desse corpo e das suas significâncias e sentidos que vamos compreender as dimensões e possibilidades dos corpos matáveis, porque são capitalizados e objetificados tomado por uma aparência estética, reduzido a corpo e pele que se apresenta como inferior e superior, tendo como principal embate enxergar o corpo negro, construído por uma visão escravista nos primórdios do colonialismo, numa categoria de sub-humanidade.

Por isso, o termo "negro" é indissociável a categoria de escravidão, "na perspectiva da razão mercantilista, o escravo negro é simultaneamente um objeto, um corpo e uma mercadoria" (MBEMBE, 2020, p. 141). "Como consequência direta dessa lógica de autoficção, de autocontemplação e enclausuramento, o negro e a raça têm sido sinônimos, no imaginário das sociedades europeias", pelo fato de o negro ser este (ou então aquele) que vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos, sobretudo, quando nada queremos compreender" (MBEMBE, 2020, P. 12).

Assim, segundo EUGENIO (2015, p. 01), enquanto construção social, negro é:

um conceito que designa a imagem de uma existência subalterna e de uma humanidade castrada. Essa percepção econômica da questão racial tem início na fase mercantilista do capitalismo (quando o negro é transformado em mercadoria) e perdura no neoliberalismo.

Pensar o corpo negro, implica decepar nossos pensamentos preconceituosos, combater o racismo sistêmico e desconstruir as histórias elitizadas, brancas e eurocêntricas que nos formaram ao longo dos anos escolares, que contribuíram com a construção de estereótipos e visões alienantes sobre esses sujeitos, seu modo de vida, crença, manifestações, resistências e existências, onde de acordo com Le Breton (2007) o corpo além de lugar de valor é lugar de imaginários, de ligações discutíveis cujas lógicas sociais é preciso compreender.

Nesse sentido, essas relações complexas estabelece uma exclusão em massa que reduz o corpo negro a nada, baseado em percepções sociais baseadas em diferenças biológicas que marginalizam, fere e mata, pois o “racismo repousa, entre outras coisas, sobre uma relação imaginária com o corpo. Ele finca raízes no interior dos alicerces passionais que alimentam a vida coletiva, alimentam projetos, mobilizações, mobilizam tolerâncias ou violências” (LE BRETON, 2007, p. 72).

## A COLONIALIDADE DO CORPO E A NECROPOLÍTICA

Na contemporaneidade torna-se cada vez mais evidente a percepção da padronização do ser humano, tornando o mundo dos sentidos e significados superficiais. Não nos cabe receptar uma perspectiva hegemônica, pautada em uma única visão e centrada nas relações de imposição e superação de uma e/ou outra origem, etnia, cultura, pessoas. Em momento histórico contemporâneo, que tem evocado e provocado múltiplos (des)encontros entre diferentes pessoas e lugares, nos confrontamos com a luta pela sobrevivência diante do caos e violência sobre os corpos marcados pela colonização, marginalização, diáspora.

[...] o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso (FOUCAULT, 1987, p. 29). Em Foucault, o corpo é caminho e é por ele que são sentidas as ações das técnicas de poder. Corpo é, portanto, espaço de disputa de disciplinamento e controle. Os aparatos de controle e repressão têm o objetivo de tornar

dóceis e moldar os corpos, e eles podem se realizar através de diversas esferas: educação, saúde, sistema carcerário, polícia, etc. É pela disciplina e repressão que as regras sociais são expostas e o corpo sujeitado é obrigado a cumpri-las.

A noção de “corpo” está sendo conceituada neste artigo como algo que vai além da estrutura física de um organismo vivo, mas sobre a “coisificação” e “objetificação” dos corpos negros envolvendo relação de dominação e conseqüentemente de submissão.

O reconhecimento da ancestralidade traz um simbolismo e um sentimento de pertencimento que dar continuidade as culturas e vivências de um povo. Esse movimento de fazer, ser e está faz parte de um corpo que de acordo com Hampâté Bâ “o ser humano não é uma monólita, limitada ao seu corpo físico, mas sim complexo habitado por uma multiplicidade em movimento permanente (apud, Ramos & Medeiros, 2018, p. 3)”. A tradição considera o corpo humano como uma reprodução em miniatura da terra e, por extensão, do mundo inteiro. Como diz José Gil (2001, p. 56): “no princípio era o movimento”. Ou, como ressalta Pierre Weil (1999, p. 88): “O corpo fala”. E em inconformidade as explorações e mortes do corpo negro institucionalmente ou fisicamente, no Brasil resistência à diáspora e dimensão da conflituosa escravização, continua sendo um desafio, diante das evidências de longas e minuciosas transgressões contra a vida negra.

A colonialidade do corpo exprime evidências sobre os estereótipos e padronizações normativas que ridiculariza o fenótipo negro como feio, as palavras e comparações sempre submissas foram apresentadas representação e estigmatização socialmente construída corporeidade e performatividade do negro, baseada em uma subserviência e coisificação do outro, justificada pelo pensamento de uma suposta raça superior. “A desgraça do homem de cor é ter sido escravizado. A desgraça e a desumanidade do branco consistem em ter matado o homem em algum lugar.” (FANON, 2008, p. 190).

Este corpo também pode ser resistência, força, produção, visibilidade. A mulher, a criança, o homem, o humano, pode ser o não, mas também um sim.

“Sim à vida. Sim ao amor. Sim à generosidade. Mas o homem também é um não. Não ao desprezo do homem. Não à indignidade do homem. À exploração do homem. Ao assassinato daquilo que há de mais humano no homem: a liberdade” (FANON, 2008, p. 184).

A colonialidade se refere ao vínculo entre o passado e o presente no qual emerge um padrão de poder resultante da experiência moderna colonial, que se moldura no

conhecimento, na autoridade, no trabalho e nas relações sociais intersubjetivas. As formas coloniais de poder não se restringem ao período da colonização, mas se atualizam e são mantidas em diferentes modalidades no decorrer do tempo. A colonização diz respeito à coisificação dos corpos colonizados, ao ter suas “culturas espezinhadas, [...] instituições minadas, [...] terras confiscadas, [...] religiões assassinadas, [...] magnificências artísticas aniquiladas, [...] extraordinárias possibilidades suprimidas” (CÉSAIRE, 2000, p. 43).

Configura-se a “colonialidade do ser” - termo sugerido pelo pensador descolonial Walter D. Mignolo -, responsável por relacionar o colonialismo à não existência do “outro”, que passa a ser submetido a uma negação sistemática e a uma sobre determinação constante de sua essência e do seu ser (STREVA, 2016, p. 34). Conforme aponta Fanon, tanto a inferiorização quanto o sentimento de superioridade são construções socioculturais impostas na colonização - e não essências humanas -, que passam a fazer parte da colonialidade do ser mantida após o período colonial (STREVA, 2016, p. 35). Essa colonialidade do ser traz à tona a camuflagem de um país afogado em discriminações e desigualdade sociorraciais, em um estado de não superação da imposição racial que se mantém além da independência e abolição da escravidão. Os estereótipos raciais foram se fortalecendo, ao mesmo tempo em que foram surgindo novos, que fomentaram representações negativas de crueldade e exclusão e estigmatização socialmente construída da corporalidade e performatividade do negro. Percebe-se, com evidência que a estética, é sim um fator política, padronizada pelo modelo normalizador colonial eurocêntrico branco.

Num país como o Brasil, colonizado por europeus, os valores mais prestigiados e, portanto, aceitos, são os do colonizador. Entre estes valores está o da brancura, como símbolo do excelso, do sublime, do belo. Deus é concebido em branco e em branco são pensadas todas as perfeições. [...] Não têm conta às expressões correntes no comércio verbal em que se inculca no espírito humano a reserva contra a cor negra. “Destino negro”, “lista negra”, “câmbio negro”, “missa negra”, “alma negra”, “sonho negro”, “miséria negra”, “caldo negro”, “asa negra” e tantos outros ditos implicam sempre algo execrável (RAMOS, 1957, p. 193).



E assim se forma e se constitui, a expressão máxima da soberania do poder, que dita quem pode viver e quem deve morrer, em uma relação que subalterniza e leva as classes desfavorecidas e roubadas, condenando-os a morte do ser, sem acesso a política pública de ação afirmativa, a falta de terra, de teto, alimento, educação, saúde, trabalho, profissionalização, também matam a si mesmos.

A Necropolítica nos apresenta a “soberania além de sua significação formal, com direcionamentos contra a luta pela autonomia, mas instrumentalizada generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e sociedade” (Mbembe, 2020). A política é, portanto, a morte que vive uma vida humana. Essa também é a definição de conhecimento absoluto e soberania: arriscar a totalidade de uma vida (Mbembe, 2020, p. 125). É o poder da morte sobre a vida, que configuram as relações de resistência, de luta para viver entre o medo e a insegurança, que parte de uma estrutura política de exclusão para o extermínio.

Vivemos em uma sociedade marcada pela lógica neoliberal, racista e patriarcal. São opressões estruturais e estruturantes da constituição de uma sociedade que surge, para o mundo ocidental, com a exploração colonialista e ainda marca, em todos os seus processos, relações e instituições sociais as características da violência, usurpação, repressão e extermínio daquele período. Essas opressões, por sua vez, não ocorrem no plano abstrato, mas circunscrevem os corpos subalternizados.

Não junto minha voz à dos que, falando em paz, podem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, a sua resignação. Minha voz tem outra semântica, tem outra música. Falo da resistência, da indignação, da justiça ira dos traídos e dos enganados. Do seu direito e do dever de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas cada vez mais sofridas (FREIRE, 2002, p. 63).

Freire, contrapondo-se a toda forma de opressão e morte do indivíduo pela ausência de autonomia, lugar de fala e representações e vivências emancipatórias do sujeito, nos permite (re)coloca-se no mundo de modo a ecoar a voz a partir de um novo olhar. As significâncias através da pedagogia do oprimido permitem posicionar-se criticamente face as problemáticas sociais, culturais, políticas, econômicas, regionais, epistêmicas, que desperta por meio da palavra, um lugar de modificação ativa, onde o ser humano se faz

humano, e ao dizê-la, assume sua condição humana, desconstruindo sua situação de subalternidade, de invisibilidade e de silêncio.

## CORPO, PRODUTO DE CONDIÇÃO SOCIAL

A sociologia do corpo constitui um objeto da sociologia especialmente dedicado à compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural motivo simbólico, objeto de representações e imaginários (LE BRETON, 2007, p. 7). O sociólogo ainda diz que tanto nas tramas cotidianas, quanto nas cenas públicas, há ações que envolve a mediação de corporeidade desenvolvida a cada instante pelo ver, ouvir, saborear, sentir, tocar e colocar significações precisas no mundo que o cerca.

A sociologia que tem como objeto de estudo a sociedade, sua organização social e os processos que integram os indivíduos em grupos, em consonância com LeBreton (2007), as sociologias nascem em zonas de rupturas, turbulências e crises, que proporciona compreender determinados conceitos e se aprofundar desses fenômenos.

Para a sociologia o desenvolvimento integral das representações sociais e culturais nascem e se modifica dentro das inquietações difusa no seio da comunidade. Nesse sentido, Le Breton (2007), aponta que nos anos 1960 houve um de forma sistemática um movimento que leva em consideração os diversos ângulos e modalidades físicas que interferiu nas relações do ator com o meio social e cultural aoredor, com a ampliação do feminismo, a “revolução sexual”, a expressão corporal, body-art, a crítica do esporte, a emergência de novas terapias, proclamando bem alto a ambição de se associar somente ao corpo, o que intensificou a entrada do elemento corpo de forma triunfal na pesquisa dentro das ciências sociais, delineado por váriosteóricos:

J. Baudrillard, M. Foucault, N. Elias, P. Bourdieu, E. Goffman, M. Douglas, R. Birdwhistell, B. Turner, E. Hall, por exemplo, encontram frequentemente, pelos caminhos que trilham, os usos físicos, a representação e a simbologia de um corpo que faz por merecer cada vez mais a atenção entusiasmada do domínio social. Nos problemas que esse difícil objeto levanta, eles encontram um avia inédita e fecunda para a compreensão de problemas mais amplos, ou, então, para isolar os traços

mais evidentes da modernidade. Outros, para citar alguns exemplos na França, como F Loux, M. Bernar, J.-M. Bertholot, J.

-M Bronhm, D. Le Breton ou G. Vigarello, dedicam-se de modo mais sistemático a desvendar as lógicas sociais e culturais que se imbricam na corporeidade (LE BRETON, 2007, p. 11-12).

Com o intuito de compreender esse lugar que estabelece o âmago da relação do homem com o mundo, a sociologia está diante de um imenso campo de estudo, o que de forma sistemáticas traz à tona estudos relevantes sobre o corpo. O zelo desses autores coopera até os dias atuais com muitas descobertas e caminhos de possibilidades para compreender o corpo e as variabilidades das definições de corpo, as atividades perceptivas, gestualidade, as técnicas do corpo, as regras de etiqueta, os sentidos, as marcas corporais, os estigmas, as manifestações, os imaginários e subjetividades.

O corpo político, o corpo sujeito, o corpo consumo, o corpo aprendizagem, o corpo concreto, o corpo sentimento, está presente nessa aparência de ser, ter e poder.

o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal (Lê Breton, 2007, p. 05).

Dentro deste cenário de subjetividades, os corpos estão imersos em um conceito de soberania que conforme Mbembe (2020, p. 10), nos estudos sobre necropolítica a soberania não tem em seu projeto central luta pela autonomia, mas a instrumentalização generalizada da existência e a destruição material de corpos humanos e populações.

Os campos de morte, violência física e simbólica, apresenta outras configurações inseridas dentro da cidade, dos bairros, das comunidades que não como os centros de concentração, as guerras, mas que mata e viola por meio do martírio na ausência dos direitos humanos, da força excessiva do estado, do silenciamento, da invisibilidade. Mbembe (2020), “[...] Soberania significa ocupação, e ocupação significa relegar o

colonizado a uma terceira zona, entre o estatuto de sujeito e objeto, quem importa e quem não importa, quem é descartável e quem não é”.

Contudo, a sociologia possibilita realizar questionamentos e estranhamento perante o corpo negro e suas representações, mas essa reflexão profunda propõe perceber o não dito e a construção de um artefato próprio daquilo que subtende.

O próprio corpo não estaria envolvido no véu das representações? O corpo não é uma natureza. Ele nem se quer existe. Nunca se viu um corpo: o que se vê são homens e mulheres. Não se vê corpos. Nessas condições o corpo corre o risco de nem mesmo ser um universal. E a sociologia não pode tomar um termo como se apresenta para fazer dele um princípio de análise sem antes apreender sua genealogia, sem elucidar os imaginários sociais que lhe dão nome e agem sobre ele, e isso não só em suas conotações (a coleta de fatos analisados pelos sociólogos é rica nesse domínio), mas também na denotação raramente questionada (LE BRETON, 2007, p. 24).

E nesse sentido, podemos afirmar que a sociologia se confronta permanentemente com desafios teórico e metodológicos, na medida que se recria com o objetivo de ultrapassar as condicionalidades dos componentes curriculares, das configurações de escola e ensino, acerca dos objetos de investigação através da prática social na escola.

Haja vista ser no corpo que os/as estudantes experimentam sua condição geracional, de classe, etnia, gênero, sendo, por tanto o que lhes oferece substância para a aprendizagem de pares conceituais sociológicos fundamentais: “natureza e cultura”, “indivíduo e sociedade”, “poder e dominação” são debates nos quais o corpo está necessariamente inserido, concomitantemente são eixos para o ensino de sociologia na educação básica (NOBRE, 2020, p. 82-83).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola também, pode ser considerado muitas vezes um espaço de morte inconsciente, que revela a necessidade de redescobrir esses múltiplos corpos que estão invisibilizados, no fundo da sala, na evasão escolar, nas notas no final do semestre, nas desclassificações, no trabalho infantil, na ausência de políticas públicas de direitos e garantias.

A ancoragem do corpo ocorre em uma intrincada rede de relações que, por meio de práticas discursivas, expressam a intencionalidade ao estabelecer representações sociais e crenças, intervindo e criando o mundo em dimensões normativas, expressivas e políticas.

É nesta teia de corpos inseridos no espaço escolar que experienciamos as diferenças, as singularidades do ser demarcados em pelo trabalho, raça, estética, desejo, gênero e consumo.

Por fim, como em um campo de batalha pouco se salvam, mas aqui é só uma perspectiva de vida escrito diante das inúmeras possibilidades de conceber o corpo negro na sociedade brasileira, que apesar das transformações históricas, sociais, culturais, geográficas, políticas e econômicas, ainda se encontra em muitos aspectos arraigadas no colonialismo do passado-presente. Conceber o corpo através da ótica da sociologia é despir nosso imaginário para abrir espaço para o que de fato somos, sem o clarão do racismo, do preconceito, dos conceitos, e das linhas abissais que nos separam. Pois, negro não é nem meu sobrenome, nem nome, muito menos minha essência e minha identidade. Sou um ser humano e isso basta.

## REFERÊNCIAS

CÉSAIRE, Aimé. **Discourse on Colonialism [1950]**. Traduzido por Joan Pinkham. Nova Iorque: Monthly Review Press, 2000, p. 42.

FANON, Frantz. **Os Condenados da terra**. Tradução: José Laurênio Mello, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUfba, 2008

EUGENIO, Rodney William. **Achille Mbembe. Crítica da Razão Negra.** Lisboa: Editora Antígona, 2014. - Revista Nures | Ano XI | Número 31 | setembro-dezembro de 2015.

FOUCAULT, Michel. **F86v Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete.** Petrópolis, Vozes, 1987. 288p. Do original em francês: *Surveiller et punir. Bibliografia. Direito penal – História 2. Prisões – História I. Título. 77-0328.*

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A noção de pessoa na África Negra. Tradução para uso didático de: HAMPATÉ BÂ, Amadou. *La notion de personne en Afrique Noire.* In: DIETERLEN, Germaine (ed.). **La notion de personne en Afrique Noire.** Paris: CNRS, 1981, p. 181 - 192, por Luiza Silva Porto Ramos e Kelvlin Ferreira Medeiros.

LÊ BRETON, David, 1953- *A sociologia do corpo / David Lê Breton; 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra.** 4ª reimpressão/outubro 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica- Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte.** 8ª reimpressão- São Paulo, nov. 2020.

NOBRE, Chari Mileine Brevers Gonzalez. BRUNETTA, Antonio Alberto (org.); BODART, Cristiano das Neves (org.); CIGALES, Marcelo Pinheiro (org.). **Dicionário do Ensino de Sociologia.** 1. ed. Maceió, AL: Editora- Café com Sociologia, 2020.

STREVA, Juliana Moreira. **Colonialidade do Ser e Corporalidade: o racismo brasileiro por uma lente descolonial.** Revista Antropolítica, n. 40, Niterói, p. 20-53, 1. sem. 2016